



O filme de animação e uma “nova bucólica” – “Ratatui” ou A Filosofia da Natureza contada às crianças

Rosa Vieira Guedes rosaguede@gmail.com
CIAC – UALG, Portugal

Reference

Guedes, Rosa Vieira; (2012) "O filme de animação e uma “nova bucólica” – “Ratatui” ou A Filosofia da Natureza contada às crianças”, p. 68-72 . In: Barbosa, Helena; Quental, Joana [Eds]. **Proceedings of the 2nd International Conference of Art, Illustration and Visual Culture in Infant and Primary Education**. São Paulo: Blucher, 2015. ISSN 2318-695X, ISBN: 978-989-98185-0-7
DOI 10.5151/edupro-aivcipe-14

Resumo

O filme “Ratatui”, produzido pela Pixar-Disney, conta a história de um rato (Rémy) que tem duas qualidades excepcionais: um olfacto fora do comum, capaz de detectar as mais variadas nuances odoríferas em qualquer alimento, o que lhe permite saber como unir ou separar os alimentos para um máximo florescimento dessas características e também provocar em quem come, máximo prazer; e um paladar capaz de identificar separadamente os elementos constituintes de um qualquer cozinhado, bem como fruir da junção única dos diversos elementos.

A história/narrativa, bem como as imagens, pertencem ao universo do cinema de animação, para um público de, prioritariamente, crianças. As personagens são ratos e seres humanos. Ratos que falam entre si, com temperamentos semelhantes aos humanos, e humanos que interagem entre si e detestam ratos, existindo excepções, pois alguns humanos tornar-se-ão amigos de alguns ratos. Será aliás Rémy, o rato-Chef, o herói da história a conquistar a simpatia (por mérito próprio) de alguns humanos. O filme de animação “Ratatui” actualiza uma longa tradição de fábulas, que veiculam um Ethos. Uma Ética para as crianças. Uma Ética que não fala só da amizade entre seres diferentes, até incompatíveis, como metáfora de um mundo utópico onde poderá existir uma harmonia total, mas que propõe aprender a comer, e como os sabores “verdadeiros” são “memórias nostálgicas da infância”. A “boa comida”, os alimentos frescos, a sopa, os vegetais, são alimentos importantes para a realização de uma vida feliz. O fast food, com a sua globalização que aparentemente fornece informação sobre outros povos e costumes, adultera os paladares e afasta-nos da “arte de cozinhar”. O “fast food” tem como objectivo o lucro fácil, através da utilização falaciosa da agitação da vida na cidade, que gera a falta de tempo para cozinhar. Mas, como escreve Gusteau no seu livro: “Qualquer um pode cozinhar”, é possível sermos felizes através de um bom cozinhado! Pretendo com este trabalho, reflectir sobre um conjunto de conhecimentos que sendo de teor filosófico e pedagógico, apelam igualmente para um conjunto de “boas” práticas em harmonia com a Natureza: Como estabelecer o elo perdido entre o Natural e o “Humano”? Qual a razão do êxodo para as cidades? Será possível restabelecer o equilíbrio entre todos os seres vivos? Como criar um novo Ethos que nos possa encaminhar na conquista da felicidade? Eis algumas das perguntas que este filme, na minha opinião procura pôr em destaque.

Palavras-chave

Cinema de animação, Bucólica, Filosofia da Natureza, “Ratatui”

Introdução

Este filme de animação actualiza uma longa tradição de fábulas, que veiculam um Ethos. Uma Ética para as crianças. Uma Ética que não fala só da amizade entre seres diferentes, até incompatíveis, como metáfora de um mundo utópico onde poderá existir uma harmonia total, mas que propõe aprender a comer, e como os sabores “verdadeiros” são “memórias nostálgicas da infância”.



A “boa comida”, os alimentos frescos, a sopa, os vegetais, são alimentos importantes para a realização de uma vida feliz. O fast food, com a sua globalização que aparentemente fornece informação sobre outros povos e costumes, adultera os paladares e afasta-nos da “arte de cozinhar”. O “fast food” tem como objectivo o lucro fácil, através da utilização falaciosa da agitação da vida na cidade, que gera a falta de tempo para cozinhar. Mas, como escreve Gusteau no seu livro: “*Qualquer um pode cozinhar*”, é possível sermos felizes através de um bom cozinhado!

1 O conhecimento das Plantas

a atenção à Natureza e às sensações como modo de ligação/relação entre o Natural e o Humano.

A referência, ou enunciação de espécies vegetais é uma característica do Bucolismo, ainda enquanto género literário, abundantemente presente, quer nos Idílios de *Teócrito*, quer nas *Bucólicas* de Virgílio.

Mas, se enquanto género literário o bucolismo teve o seu fim, o modo bucólico permanece e tem características que se enquadram para além de um tempo específico, que são expressão da própria humanidade, e revelam capacidades de exprimir expectativas básicas do Homem, como por exemplo: a relação do Homem com Deus, consigo próprio, com o campo e a cidade.

O filme de animação “Ratatouille”, oferece, logo de início, uma dessas expressões de “humanidade” através das imagens do conhecimento e da atenção prestada à Natureza pelo domínio das características e qualidades das plantas. As plantas não são meros ornamentos de paisagem. Não se limitam a enquadrar esteticamente o espaço campestre. São elementos participantes, por direito próprio, num processo vital como a elaboração de um prato de comida, que não só mitigue a fome, mas transforme esse processo num acontecimento humano. O rosmaninho e a erva doce combinados com cogumelos e queijo resultam num prato delicioso! Aliás, todos os pratos confeccionados por Rémy usam de modo abundante, colorido e odorífero as ervas e os legumes (também os frutos) que pintam quadros com cores vibrantes transportando os espectadores para o mundo da sua infância (sobretudo a que é sonhada!). Como se pode ler no livro de Terry Gifford, *Pastoral*: «A wish can be projected in poetry to create an illusion that “this is the way things really were” in a idealised nostalgia for a selectively remembered past. » (GIFFORD,1999:41), isto é, como presente na teoria freudiana, a pastoral é também a realização de um desejo infantil.

2 A Fuga para a cidade

o êxodo para a esperança: conquista de uma identidade própria através da realização de um projecto de vida.

Na modernidade dificilmente se retorna ao campo. Só o lazer, o passeio, para depois retornar à cidade, possibilitam o movimento da cidade para o campo.

Os modos de vida actuais não são compatíveis com a vida no campo.

No século XXI, o principal movimento, na tensão sempre existente entre campo e cidade, é a fuga do campo para a cidade. O campo tende a impossibilitar uma vida de qualidade, e pode inclusive pô-la em risco (como no caso de Rémy e da sua família). «But Eden also contains the serpent and the apple by which human innocence will be tested. Failing that test leads to another landscape: the city and its vices.»(GIFFORD, 1999: 33).

Aliás, a cidade contém as possibilidades de realização de um projecto de vida único/subjectivo, e, desde logo, a constituição de uma identidade, que se encontrava elidida, num todo, numa espécie (os ratos), no campo. Esta possibilidade que a Pastoral equaciona, possui a capacidade de não só explorar as condições presentes do “viver humano”, como, ao fazê-lo, imagina alternativas de futuro. A fuga é sempre um dispositivo que obriga a reflectir sobre as condições de vida presentes.

Fugindo in extremis de “uma guerra”, levando como único pertence o livro de receitas de Gusteau “*Qualquer um pode cozinhar*”, Rémy desagua em Paris, a cidade da “Nouvelle cuisine” e do restaurante Gusteau’s, a sua Arcádia!



3 A Amizade

Desejo de restabelecer a harmonia entre o Humano e as outras espécies animais (um reequilíbrio improvável ou um desejo de inocência!?)

Tal como na Bucólica da tradição clássica Greco-Latina, mantém-se na modernidade o ideal de interrelação entre o humano e o não humano (animais, natureza e homens), bem como entre as diferentes partes do mundo não humano (animais e natureza). Este é o ponto de vista da modernidade do Ecocriticismo, que valoriza a harmonia entre o que é “diferente”, quer em espécie, quer em género, quer em estatuto ou papel. A própria Arcádia é uma fronteira de transformação das formas em geral. « Arcadia is a borderland in which not only shape changing is possible, but also status, role and, (...) gender changing too.» (GIFFORD, 1999: 28).

A Amizade materializa este ponto de vista, através da improvável relação entre um rato cozinheiro e um humano que finge sê-lo, e onde o equilíbrio frágil desta ligação afectiva é trabalhado e desenvolvido pela parte mais frágil – o rato Rémy (que é antropomorfizado, diferenciado e assimilado como um idêntico pelas crianças que são espectadores principais desta narrativa). O valor do trabalho partilhado, a tentativa e o erro, a paciência, o apoio entre Linguini e Rémy, mostram em imagens como se constrói a Amizade e como a confiança é um sentimento que cresce com ela.

Também a Amizade/Amor entre Collete (a única mulher cozinheira, só, num mundo de homens) e Linguini mostram esta aspiração da Bucólica da modernidade, a um reequilíbrio universal, presente igualmente na posição do ecofeminismo, segundo o qual

«The gift of conscience, given us by the form of consciousness of our species, must address both environmental and social exploitation at the same time if there is to be social justice and a place for it to be practised. (...) The desire to heal our relationship with the earth we inhabit must accompany the healing of our relationship with ourselves as a species.» (GIFFORD, 1999: 165).

Mas o paradigma deste ponto de vista, como Terry Gifford escreve, um pouco mais à frente, está na palavra “Together”! Sem preconceitos nem diferenças, num mundo onde a inocência prevaleça: Num restaurante “Bistrot”, onde ratos, homens e mulheres possam ter um lugar à mesa, como família universal, degustando os pratos deliciosos que cozinheiros “celestes” preparam com amor.

4 Um novo Ethos

Comer de modo saudável: a tensão entre a pressão da “fast food” e os sabores afectivos da infância. A “nouvelle cuisine” e a “slow food” - A Comida leve, pratos delicados com uma apresentação cuidada

Novas avaliações de Bem e de Mal são postas em situação pela Bucólica da Modernidade: a atenção volta-se para o “Mundo Natural”.

Saúde, respeito pela natureza e seus bens, e alimentação equilibrada são a face de um novo Ethos, pois «...life in natural things was on a continuum with the life inside ourselves...»(GIFFORD, 1999: 157).

Comer de modo saudável é um dos modos de pôr em evidência o autêntico respeito que devemos à Natureza, que é parte de nós próprios. Precisamos de uma nova pedagogia da alimentação. O filme mostra o caminho: a deliciosa sopa que adulteramos; o fígado que fortalece as crianças fracas que, com falta de ferro, ficam anémicas; os deliciosos e coloridos legumes que esquecemos...Tudo isto a favor de um pretensão multiculturalismo veiculado pela “variada” nacionalidade dos pratos congelados e desenhados para micro-ondas, produtos de uma sociedade consumista que aliena o ser humano e explora a natureza.

A “Nouvelle Cuisine”, assim como o movimento “Slow Food”, têm procurado inverter esta tendência. A primeira é uma forma do que habitualmente se denomina como “Haute Cuisine” e que pretende realizar pratos mais leves e delicados que o habitual, além de enfatizar a apresentação, a decoração desses pratos. As principais características desta forma de cozinhar são: a rejeição de muita elaboração nos cozinhados, a preferência por formas de cozinhar que preservem o sabor natural dos alimentos como cozer ao vapor ou no forno, evitar misturar muitos sabores diferentes, bem como o uso de refogados, marinadas fortes e molhos pesados;



temperar com ervas aromáticas evitando o sal; prestar atenção às necessidades dietéticas específicas de cada indivíduo, pelo que os menus são sempre curtos e variam frequentemente; usar legumes frescos em todos os pratos; privilegiar a criatividade e a inventividade partindo sempre da inspiração nos pratos regionais.

A segunda, é um movimento que nasceu, informalmente, em Itália, em 1986, sendo o seu Manifesto divulgado oficialmente em 1989. Este movimento tem, como objectivos principais a protecção da tradição e da cultura como heranças, no prazer de comer. Pretende ser uma Eco-Gastronomia, isto é, reconhece a forte ligação existente entre a elaboração de um prato e o equilíbrio das espécies no Planeta. Diz ser uma comida “boa, limpa e justa”, pois não prejudica o ambiente ou o bem estar animal, nem a nossa saúde, além de promover uma justa compensação na aquisição dos produtos base das suas confecções. Defende a biodiversidade no fornecimento da comida, dissemina o bom gosto assim como uma pedagogia da alimentação, através da redescoberta dos sabores autênticos dos pratos regionais. Estar à mesa, comer, é um ritual de preservação dos valores da amizade e do reencontro com a família, ou os valores nostálgicos das refeições familiares.

A alegria reencontrada no espaço da mesa, à volta de sabores, odores e cores!

5 A Fábula como o veículo da modernidade para uma bucólica infantil

narrativa “simples”, idealizada e convencional

Como veicular e promover esta interrelação entre o humano e a natureza de modo acessível às crianças, promovendo simultaneamente um Ethos adequado à modernidade, através de um discurso pedagógico que incentive novas práticas?

A solução foi desde sempre a Fábula. A Fábula é uma forma de narrativa alegórica, que pode assumir as formas de prosa ou verso e cujos personagens são animais com características humanas. Estes personagens estabelecem diálogos que dão origem a um final que veicula uma moral. Normalmente, é uma narrativa que se assume como inverosímil, embora com um fundo didáctico.

O filme “Ratatouille” é precisamente uma Fábula, uma alegoria que liga homens e ratos, através da antropomorfização destes. O seu lugar de união, a cozinha, é a nova Arcádia. Mas esta cozinha, é uma construção imagética, fílmica e narrativa. A mensagem “natural” de ligação entre humano e animal, o regresso aos “simples sabores da infância capazes de nos transportar de volta à inocência, mais não são que uma construção cultural. « Arcadia was recognisably a literary construct – nature as culture. So the fourth quality of post-pastoral literature is to convey an awareness of both nature as culture and of culture as nature.» (GIFFORD, 1999: 162).

Mais, o bucolismo sempre se caracterizou por ser um “género misto” (neste caso assumindo a Fábula como forma narrativa), humilde (que “fala” de aspectos da quotidianidade, como a alimentação, embora a humildade não seja sinónimo de simplicidade, já que as convenções, as regras, estão presentes e são marcadamente sócio-culturais, promovendo, aliás, um ponto de vista de intervenção política face à realidade – a alteração dos hábitos alimentares que o filme promove é uma proposta de alteração a um modo de vida assente na pólis) e ideal (a alimentação de qualidade respeitando o meio ambiente e o bem estar físico são a meta, o caminho para a “salvação”, através de um intrínseco respeito pela natureza e todos os seres do planeta).

6 A Felicidade é alcançada através de “pequenas coisas” – a importância das sensações e dos seus prazeres.

Na Bucólica, os sentidos ganham uma importância que outras manifestações humanas parecem esquecer. Desde os autores clássicos que o papel do corpo como receptor dos prazeres é sublinhado: os cheiros, os sabores e as cores invadem-nos; a frescura da água, o seu som a correr no leito dos rios, o cheiro das plantas, a sombra das árvores que protege a nossa pele dos raios escaldantes do Sol, o som das flautas, tudo é descrito de modo particularmente vívido.



O filme “Ratatuile” é um contínuo fluir de sensações que dominam os espectadores e criam sentimentos de comoção (basta lembrar o choque de Anton Ego, aquando da “primeira dentada” no ratatuille preparado por Rémy. Quem não recorda com emoção um prato cozinhado pela mãe ou pela avó que o transporte para um lugar onde as lágrimas são a expressão dessa felicidade reencontrada num sabor no limite do esquecimento?!

A constatação de que a Felicidade está na nossa memória de “um tempo perdido” que se pode recuperar através de pequenas coisas que são únicas, porque pertencem ao domínio íntimo, é a mensagem de esperança que o filme persegue. A Felicidade é uma utopia que aqui se realiza através do “paladar saboroso” de uma comida de excepção. A Arcádia é vivida nos prazeres “simples” que a nossa finitude constitutiva nos proporciona, e que são mediados pelas sensações.

7 Conclusão:

A Felicidade alcança-se pela humildade - a consciência da morte e da renovação

A maior “lição” deste filme é precisamente a constatação de que tudo se renova incessantemente. Tal como a natureza e o ciclo das estações, homens e ratos, pais e filhos, estão submetidos a esta lei inexorável que é a própria vida e morte.

O paradigma desta dialéctica constitutiva é Ego, o “crítico dos críticos”, que arriscou a sua credibilidade, o seu nome, a sua vida contando a verdade e perseguindo o seu projecto de vida: a sua felicidade reencontrada através da culinária de Rémy.

Como escreve Anton: “In many ways, the work of a critic is easy. We risk very little yet enjoy a position over those who offer up their work and their selves to our judgment. We thrive on negative criticism, which is fun to write and to read. But the bitter truth we critics must face is that, in the grand scheme of things, the average piece of junk is more meaningful than our criticism designating it so. But there are times when a critic truly risks something, and that is in the discovery and defense of the new.”

A humildade expressa-se no reconhecimento da grandeza de Rémy como o melhor Chef da cidade de Paris! Esse reconhecimento, e parte desta dialéctica natural que liga o negativo ao positivo, o dia à noite, o começo ao fim, mais não é que a consciência da finitude e da participação constitutiva em nós de toda a natureza. O fim de Anton Ego como crítico, permitiu o aparecimento de Anton Ego como um homem, cuja felicidade está na visão desta fragilidade inerente à humanidade e que, por isso, compreende que a Arcádia é um momento fugaz, despertado pelas sensações que nos tornam parte da Natureza, nos transformam em Natureza. A comida, a boa comida, elevam-nos acima do quotidiano, apesar de pertencer ao próprio quotidiano.

Esta dialéctica é também característica essencial, não só da vida, como de toda a experiência estética. É este movimento dialéctico que permite compreender a bucólica actual como uma passagem da utopia à heterotopia no sentido em que, a felicidade, a Arcádia, pode ser encontrada de múltiplas formas. A experiência do belo está presente nas construções bucólicas da modernidade. Mas, na modernidade, esta experiência encontra-se ligada à vida concreta do quotidiano, repleto de contradições. A Arte exprime-se pois dos modos mais diversos, buscando o estabelecimento de equilíbrios entre o homem e o ambiente. Um dos modos possíveis é o presente no filme através da inspiração e técnica de Rémy (artista) e o reconhecimento de Anton Ego (espectador, fruidor) para quem afinal, se mostra que, parafraseando Heidegger, “o Belo não é, mas acontece”!

Referências bibliográficas:

- Alpers, P. (1996). What is Pastoral. Chicago: Chicago University Press.
Gifford, T. (1999). Pastoral. London & New York: Routledge.
Teócrito, et all (2011). Idlílios de Teócrito, Bion y Mosco...Charleston: Nabu Press.
Mendes, J. (2003). Construção e arte das bucólicas de Virgílio. Coimbra: Edições Almedina.
Bird, Brad. (2011). Ratatui. (Blu-Ray). Distribuido em Portugal por Lusomundo. Disney.